

Lisboa: a cidade *visível* de David Mourão-Ferreira¹

Tania Franco Carvalhal*



* Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisadora do CNPq.

¹ DAVID MOURÃO-FERREIRA (1927-1996) poeta, ficcionista, ensaísta e professor da Universidade de Lisboa foi seguramente uma das grandes figuras intelectuais do Portugal contemporâneo. Este artigo de homenagem quer registrar um dos traços característicos de sua obra, a estreita vinculação com a cidade de Lisboa.

E que fundo esse mar, num bairro de Lisboa!
(“O Prédio”)

*Deste-me um nome de rua,
de uma rua de Lisboa.*

.....
*Nome de rua quieta
onde à noite ninguém passa.
Onde a sombra de um poeta
de repente nos abraça.*

(“Nome de rua”)

*Na janela mais alta de Lisboa,
és a ave chamada Todavia:
a que posta no céu não se desvia,
mas que perto do ri o já não voa...*

(“Educação Sentimental”)

*Sou o que somos
E o que descubro
Cosido ao longo
de tantos muros*

(“Numa Lisboa Assassinada”)

Nesta cidade a que regresso
somente um rio me recorda.

(“Regresso”)

Os fragmentos que aqui servem de epígrafe e que, extraídos de vários poemas poderiam compor um só, como quis dar a parecer, põem em relevo elementos substantivos da poesia de David Mourão-Ferreira: o rio, as ruas, a cidade. Sabe-se que esse rio é o Tejo, as ruas, as de Lisboa que, por sua vez, como metáfora e síntese, é a *cidade*, soma e resultado de todas as demais. Sabe-se também que no conjunto de sua produção poética são numerosos os poemas que aludem, citam, evocam, convertem em cenário ou tomam por tema central a cidade de Lisboa e com tal intensidade e frequência que é possível dizer de sua poesia que ela é eminentemente urbana, cidadina e... lisboeta. Algumas vezes a referência à cidade é direta, a indicação explícita, como nos três poemas inicialmente citados; em outras é implícita, alusiva, como nos dois últimos. Como se percebe David Mourão-Ferreira não necessita mencionar a *sua* cidade para torná-la *visível* aos olhos e aos ouvidos do leitor: ela está na obra como um componente necessário, natural e intrínseco à sua poesia. Em certo passo, surge como objeto buscado, perdido no tempo e referido apenas no título do poema, como em “Numa Lisboa Assassina-da” onde se lê:

I

“Porquê o sono

que nunca durmo
De que me escondo
Com quem me cruzo
Sob que escombros
de que futuro
me reencontro
ou me sepulto
Que mar ao longe
Que ruas sulco
Por onde rondo
Que céu Que burgo
este que em sonhos
em vão procuro”

Ora é claramente indiciada, além do título, nos versos de “Ao reencontro de Lisboa” que parecem responder aos do poema anterior:

“Na irisada cor que as conchas
tomam à luz de algumas pétalas
logo os sentidos reencontram
uma Lisboa já submersa

De novo pedras que ressoam
sob as passadas do mistério
Como que forcas certas fontes
Como que um búzio em cada prédio

Nem uma flor nem uma folha
longe das árvores se atrevem
E até do perto se faz longe
Nada se vê Tudo acontece

Donde ressurgem esta Lisboa
De que recôndita cisterna
Alguns dirão que apenas sonham
Mas outros sabem que despertam”

Percebemos, então, que a visibilidade da cidade se constrói em seu despertar: não é necessário que muito seja visto, basta o que ecoa e é apreendido pelos sentidos para que tenhamos diante de nós uma cidade recuperada ou, como quer o poeta, “reencontrada”. Nessas quadras, a cidade toma formas singulares: é feita de búzios e renasce de uma “recôndita cisterna”. Sai, pois, de um estado letárgico, acorda e com ela os que ali vivem. Note-se também que os versos aqui reiteram um traço específico dessa poesia: à ausência de pontuação corresponde quase sempre o uso da maiúscula como indicativo da transição dos versos ou de brusco corte interno.

Trata-se, aqui, de uma Lisboa que desperta do sono e do sonho, e que será também fixada em seus momentos mais aflitivos (nesse sentido leia-se “Grinalda para o próximo terramoto de Lisboa”), ou reconstruída com as entranhas expostas (veja-se “Fado para a Lua de Lisboa” ou “Cabaré”) e surpreendida na alteração progressista e tecnocrata que a degrada, como em “Capital” onde o título assume dupla conotação: a de cidade “encarcerada” e a de lucro “acumulado” que a desgraça, como se lê:

“Das janelas pendem
velas de navio
Mas tão transparentes
que mal se distinguem

Maior das surpresas
aquele arco antigo
Ainda se lembra
de furna ter sido

Ali se concentram
os húmidos gritos
dos que vão morrendo
no fundo do rio”

Permanente descoberta, a cidade brilha ao Sol, *figura erótica* na poesia de David Mourão-Ferreira, como explica Eduardo Prado Coelho no belo ensaio “Retina, rotina, renovo”, introdutório à *Obra Poética (1948-1988)* da Editorial Presença, em 1988, mas freqüentemente recai na *sombra*. Daí a presença insistente da *noite* como espaço de inquietação na cidade nos poemas de forte acentuação narrativa como o “Romance das mulheres de Lisboa no regresso das praias” ou o “Romance da morte de Tristão numa rua de Lisboa” ou no denso “Nocturno das ruas da cidade”. É ali, em meio às ruas e rios que se instala *a decepção/por quanto foi já conseguido*.

“Tão pouco!... E rios correm, secos,
desde o luar às moradias.
Sonhos, que são? Cavalos cegos,
traindo apenas decepção
nas suas órbitas vazias.”

Assim, o sujeito lírico, tal “Teseu, ao telefone”, no *Labirinto de néon e de vento, noite por estas ruas, sob a chuva...se procura*. A busca se refaz em muitos dos poemas, em muitas noites, como na “Canção, de madrugada” (dedicada a Cecília Meireles):

“Escorrem de noite pelos prédios,
dissimuladas na humidade
- dissimulando elas o tédio

das longas noites da cidade -,
deusas solícitas que vão,
com sua etérea assinatura,
propor a luz da redenção
- de rua em rua dar a mão
a quem se arrasta ou se procura”.

Com efeito, a cidade é sempre um *lugar ameno*, como um *topoi* clássico, espaço que abriga, acolhe e permite ao poeta percorrê-la como se andasse em casa. Espaço do imaginário mas também cidade real, concreta, nomeada e tão visível na poesia como na narrativa ficcional de *Duas histórias lisboetas* (Editorial Labirinto, 1987). A primeira dessas histórias, “A tua véspera de Natal”, trata do reencontro da personagem com a sua infância e com a casa que não mais existe mas, sobretudo, com o que nele ainda resta do que foi menino e lhe ajuda a viver. Na segunda, “O cachimbo do santo”, Lisboa é mais do que cenário, pois é parte integrante das personagens. Mas tanto na ficção como na poesia a cidade é sempre a mesma, inalterada.

Caracteriza, portanto, a poesia de Mourão-Ferreira o fato de Lisboa nela ser uma em várias formas, multiplicar-se sem perder a si mesma. Quer dizer, a cidade que se registra *serena e bela* no “Romance da Beira-Tejo”, poema do primeiro livro intitulado *A secreta viagem*, é idêntica à que se faz *submersa* para ressurgir de *recôndita cisterna* no último livro.

Mesmo que outros lugares sejam evocados, que uma rua de Roma se converta em metáfora de lugar desejado, nenhum espaço é tão reiterado e claramente presente nesta obra como a cidade de Lisboa. O poeta a percorre por inteiro, reproduzindo essa errância no conjunto dos textos. Por isso, se a poesia de David Mourão-Ferreira, como toda a verdadeira expressão poética, não bastasse por nos fazer refletir sobre o que somos e sobre o que nos rodeia, ela ainda assim nos permitiria, como poucas, pensar (e sonhar) Lisboa.